A DESERTIFICAÇÃO DO NORDESTE E A FOME: UMA RELAÇÃO ÍNTIMA E CIRCULAR DO HOMEM POR SUA TERRA.

Eliovan Calixto de Alencar¹, Natália Cavalcante da Costa²

Devido a expansão latifundiária crescente nos últimos anos em soma ao aquecimento global, no Nordeste a desertificação vem sendo ampliada a partir do surgimento de núcleos de aridez. Sobre isso, esse trabalho compila pesquisas bibliográficas de artigos nas plataformas Google Acadêmico e SciELO que se referem à relação entre a intensificação da aridez com a insegurança alimentar no Nordeste. Sob esse aspecto, é notório que a desertificação auxilia na redução da biodiversidade, em sobressalto às espécies polinizadoras, as quais têm de se adaptar a crescente escassez hídrica e competem para obter alimento, visto a diminuição da contagem de angiospermas floradas. Assim, reduzindo a produtividade agrícola nordestina e inflacionando os preços dos alimentos, relegando a população à marginalidade, onde insegurança alimentar ainda é óbice diário para muitas famílias. Em análise profunda, é válido ressaltar a heterogeneidade da distribuição hídrica do semiárido nordestino, visto que há mais pluviosidade nas faixas litorâneas e nas proximidades com a mata dos cocais, e índices negativos nas regiões centrais como norte da Bahia, interior pernambucano e centro-leste do Piauí, conforme indicado em dados do EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) pela pluviosidade nordestina. Por isso, é preciso entender que conforme há elevação da temperatura global, um número maior de áreas estarão mais vulneráveis à variações biológicas. Desse modo, o frágil ciclo hídrico dessas regiões que hoje já compreendem núcleos de desertificação serão irreversivelmente afetados, pelo extremo aquecimento em soma a baixa umidade do ar. Portanto, sabe-se que polinizadores são imprescindíveis para o ciclo de vida das angiospermas, porém são dependentes do metabolismo hídrico delas, as quais se especializaram em perder as folhas e bloquear florações durante a estiagem, causando a morte por inanição dessa fauna, configurando um ciclo autodestrutivo. Dessa maneira, a redução de frutíferas diminui a oferta de alimentos *in natura*, elevando os preços e intensificando a fome, assim como também obsta o desenvolvimento nordestino, visto os gastos paliativos à subnutrição pelo Estado, como os atendimentos realizados pelo SUS, que atenua a consequência (a desnutrição) mas não a causa, retroalimentando o ciclo ao não haver investimento na preservação ambiental.

Palavras-Chave: Fome. Nordeste. Pluviosidade. Polinização. Desertificação.

Agradecimentos: Ao Núcleo Olímpico do Colégio Diocesano Conceito na pessoa da coordenadora Angélica Pontes.

1 Aluno do Colégio Diocesano Conceito, email: eliovan095@gmail.com

2 Professora do Colégio Diocesano Conceito, email: profnataaliaccosta@gmail.com